

Aula Inaugural à Pós-Graduação em Psicologia

"ENTRAR NA PSICOLOGIA, ENCONTRAR OS OUTROS"

(revisitação de 2021)

Lívia Mathias Simão

***Laboratório de Interação Verbal e Construção de
Conhecimento - LIVCC***

*Área "Problemas Teóricos e Metodológicos da Pesquisa
Psicológica" - PTMPP*

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental

IPUSP - 2021

Como Profa. deste Instituto, que a ele está ligada ininterruptamente desde a Graduação, foi uma honra e uma alegria receber este convite.

Em seguida, foi uma preocupação: *o que posso dizer, em uma aula inaugural, de boas vindas, a pessoas que ingressam agora conosco, nesse momento por que passamos, assolados por essa tragédia político-sanitária da pandemia do COVID-19?*

Essa preocupação me fez retornar, uma vez mais, ao tema "**Entrar na Psicologia, encontrar os Outros**". Esse tema vem sendo várias vezes revisitado por mim desde sua primeira versão, dirigida a meus então estudantes de graduação, por volta de 2002.

A razão da atual revisitação, que gerou a aula de hoje, é que uma vez mais - e agora me parece que de maneira muito contundente - estamos diante da questão de nos havermos com algo que nos é **álter**, que nos faz nos sentirmos tanto ameaçados como instigados na urgência de compreendê-lo; que nos impele, de alguma maneira para encaixá-lo em nossos significados previamente construídos, mas que resiste, e por isso nos desaloja de nossa 'zona de conforto'. Nessa forçosa relação com esse álter, buscamos pouco a pouco entendê-lo, mas em grande parte ele ainda se nos escapa.

Mas se trouxe para conversar com vocês hoje a questão do **álter**, não foi inspirada pelo seu caráter eventualmente destruidor, se com ele não soubermos dialogar, mas pelo seu **caráter transformador** se com ele **soubermos dialogar**. Vivenciando essa pandemia, sabemos do comportamento sagaz e destruidor do vírus, mas sabemos também da enorme diversidade das atitudes frente a esse acontecimento e de suas bem diferentes implicações.

Por isso, a questão da **alteridade** nos exige mais que julgar e descartar posições, e bem mais que imaginar uma unicidade que tudo aplaina. Exige o **diálogo em sua dimensão tensional**, que nos faz nos confrontar com nossos próprios limites, ainda que momentâneos, fazendo-nos por isso, muitas vezes, alteridades a nós mesmos, porque criamos em nosso poder menos limitado.

Mas o que tudo isso tem a ver com o ingresso na Pós-Graduação em Psicologia?

Creio que tem a ver porque quem ingressa na pós-graduação deve estar buscando principalmente **formar-se academicamente como pesquisador e pesquisadora**, focalizando, em dada área, *um assunto, um problema, uma ideia*; no início, tudo isso é muito vago e amplo, mas irá se construindo em seus contornos na direção do que tenho chamado de **fenômeno-tema da pesquisa**.

Esse **fenômeno-tema** (e aqui cada um/a que quiser pode pensar no que o(a) trouxe até aqui) tem pelo menos três características, imbricadas entre si no processo de sua gênese e desenvolvimento, que gostaria de destacar como possível contribuição dessa aula:

1. o **fenômeno-tema** nos é **álder**;
2. ele demanda que **nos deixemos afetar por ele**;
3. ele se **esclarece e se transforma no diálogo do pesquisador com seus outros**.

O **fenômeno-tema** nos é **álder**, ou deveria sê-lo, no sentido que apontei logo de início, falando sobre a pandemia da COVID-19. O **fenômeno-tema** nos exige não só tomar conhecimento e acessar informações qualificadas sobre ele, mas também **buscar formação qualificada em nos relacionarmos com o diverso de nós, com aquilo que nos é estranho**, porque se não o fosse, não nos debruçaríamos sobre ele... Daí que o **formar-se em pesquisa científica** implica **deixar-se afetar pela alteridade do fenômeno-tema de pesquisa**.

E aqui aparece um **incômodo sentimento**, quase paradoxal, principalmente para os/as iniciantes na pesquisa de um tema: "se ele é o MEU tema, como pode ser álder"? E, pior ainda, o/a orientador/a, os/as colegas, até os textos, entendem o MEU tema e falam dele coisas que algumas vezes nem têm nada a ver com ELE... Ou com o que eu ACHO QUE ELE É... Aqui deve acontecer um momento importante da **formação dialógica em pesquisa**, que é o processo de deixar-se **afetar pelo diverso** quanto ao **fenômeno-tema**. O MEU tema não era SÓ meu...

Mais concretamente, a diversidade que nos põe face à alteridade do fenômeno-tema aparece na voz dos orientadores e orientadoras, dos professores que atuam em diversas perspectivas, ainda que na 'mesma área' formal ou institucional da psicologia; aparece também na voz dos professores de disciplinas cursadas em outros Programas; aparecerá nos textos que leremos, dos mais clássicos aos mais recentes; nas conversas com os e as colegas que fazem afirmações e trazem questões que não estavam na nossa pauta, não pertenciam ao nosso tema...

Mas a figura que se impõe, por assim dizer, nesse processo dialógico de formação em pesquisa como mediadora dessa alteridade do fenômeno-tema é a do(a) **participante da pesquisa**, que algumas áreas nomeiam como "sujeito da pesquisa", incluídos aí os animais não humanos. Os **participantes da pesquisa** abrem ao pesquisador uma "janela" para o **fenômeno-tema** da pesquisa que nem sempre o faz vislumbrar o que queria ou esperava ver...; isto porque o **fenômeno-tema** é algo que **inquieta e afeta** pesquisadores e participantes em suas próprias vidas desde **perspectivas geralmente bem diversas** (Simão, 2003; 2016; 2020).

Esse é um momento tanto de *curiosidade* como de *receio*, tanto *aproximação* como de *afastamento* daquilo que não estava na nossa pauta. Trata-se, fundamentalmente, do pensar e sentir ambigüidade diante do novo, experiência esta que parece se intensificar particularmente pela natureza da própria Psicologia, enquanto campo de conhecimento diverso sobre um objeto plural.

Deixar-se afetar pela alteridade no diálogo com o **participante da pesquisa** não é uma simples questão de boa vontade, nem de subserviência. Exige formação em pesquisa que toca à questão do diálogo com aquilo que é incógnito, não esclarecido e que instiga o pesquisador ou pesquisadora. Ao envolvermo-nos nesse diálogo, acabamos, se tivermos sucesso, trazendo à luz **algo de original e relevante para a análise e interpretação de dados sobre o fenômeno-tema**; mas também, via de regra, algo inesperado sobre nós mesmos, como pesquisadores e como pessoas, de maneira mais ampla.

Na perspectiva do dialogismo (Bakhtin, 1981; Gadamer, 1975; Lévinas, 1993; Holquist, 1990; Marková; 2003), o diálogo dessa natureza é fundamental para que ocorra tal construção, graças à **tensão** que se dá, por um lado, entre a percepção de *congruência entre si mesmo e outro* - através do *reconhecimento*, no outro, da presença daquilo que é *esperado, conhecido, compreensível, acolhedor* - e, por outro lado, da *percepção de dissemelhança e incongruência entre si mesmo e o outro*, gerando tanto *estranheza* diante daquilo que é *inesperado, desconhecido, incompreensível e desalojador*, como *curiosidade diante do novo*. Esta é a tensão definidora da relação a que estamos chamando relação construtiva de alteridade que, entretanto, não se resolve por completo em uma compreensão totalizada, permanente, acabada daquilo que era, desde o início, *álter*.

Essa relação se dá no entrejogo de uma diferença relacional entre um **centro** e tudo aquilo que **não é aquele centro**. O centro pode ser entendido como a posição em que se encontra o(a) pós-graduando(a) quando se percebe e se reconhece a si mesmo, com suas concepções, desejos, valores, etc. Vale ressaltar que perceber-se no e a partir do centro é uma situação inalienável da existência humana. Entretanto, vale ressaltar também que essa concepção de centro não carrega a idéia de isolamento, de primazia ou de auto suficiência do centro. Pelo contrário, ela está assentada no relativismo da divergência complementar, isto é, o centro, por sua própria definição, e para existir, sempre exige um não-centro, uma periferia, uma margem (Boesch, 1991; Valsiner, 1998; Marsico, 2011).

Para o foco dessa nossa aula, isso implica que os significados que o(a) pós-graduando(a) tem como verdadeiros e seus, só podem ser assim construídos na relação, não necessariamente consciente e explícita, com outros significados que não faziam parte da sua constelação, numa relação transformativa de significados (e não de mera justaposição ou substituição). Nessa relação, o interlocutor (participante da pesquisa, orientador/a, professor/a, colega, autor/a do texto) estão na mesma posição relativa, isto é, como centro, de modo que centro e não-centro o são um para o outro sempre na vice-versa e para todos os atores envolvidos na situação.

Importante, ainda, é o fato de que o ator é seletivo na busca, na adesão ou no aceite desta ou daquela experiência, o que lhe permitirá

observar deste ou daquele lugar e, portanto, colocar-se nesta ou naquela relação de alteridade com diferentes não - centros.

Nesse sentido é que:

A experiência presente requer do sujeito uma tarefa reconstrutiva dos significados de sua experiência anterior, exigindo-lhe transformar-se a si mesmo na direção de um futuro aventado. Impõe-lhe, por isso, lidar com a temporalidade em dois sentidos inextrincáveis. Primeiro, uma vez que os conteúdos que o interpelam no presente só lhe serão compreensíveis através de um processo transformativo de si (Bildung), que é ao mesmo tempo transformador daqueles conteúdos vindos da tradição, tratar-se-á, em suma, de lidar com o devir. Segundo, imporá ao sujeito lidar com seus limites, sua finitude: a pessoa experimentada “conhece os limites de toda previsão e a insegurança de todo plano, (...) sabe que não é senhor nem do tempo, nem do futuro” (Gadamer, 1975/ 1996, p. 433) (Simão, 2015).

Assim, o que chamo de **fenômeno-tema de pesquisa** é, na verdade, um evento diverso e polifônico, eleito pelo pesquisador como relevante por tais ou quais motivos, e pelo qual ele ou ela - pesquisadores - precisam **deixar-se afetar** para poderem se engajar na pesquisa; ao mesmo tempo, na medida em que se envolvem, **afetam os participantes da pesquisa**, pessoas e seres que lhes dão acesso ao fenômeno-tema.

As formas de lidar com as questões teórico-metodológicas, procedimentais e éticas que se põem diante dessa perspectiva estão na base da diversidade das chamadas "abordagens em Psicologia".

Tudo isso pode acontecer por que a universidade é, ou deveria ser, o lugar da formação científica e qualificada na diversidade cultural das relações interpessoais.

Então, aproveitem (!) porque nesta turma que agora ingressa, como vem sendo regra para nós no IPUSP, há grande diversidade de áreas de formação inicial dos colegas: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Artes Cênicas, Biotecnologia, Ciências Biológicas, Ciências da Natureza, Ciências Sociais, Comunicação Social, Direito,

Educação Física, Engenharia, Filosofia, Letras, Medicina, Pedagogia, Psicologia, Radiodiagnóstico.

Também está presente entre nós a diversidade de Estados de origem: Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo.

E, ainda, o desafio enriquecedor da diversidade de ascendências: africanas, indígenas, orientais, latino-americanas, latino-europeias, árabes e judaicas. Há certamente entre nós diversidades outras ainda: as de gênero, as ideológicas, e talvez muitas outras que ainda poderão se expressar, ou não...

Obrigada!

Referências

- BAKHTIN, M. M. (1981) *The Dialogical Imagination: Four Essays by M. M. Bakhtin* (M. Holquist, Ed.). Austin: University of Texas Press.
- BOESCH, E. E. (1991). *Symbolic Action Theory and Cultural Psychology*. New York: Springer-Verlag, 1991.
- GADAMER, H-G. (1975/1996). *Verdad y Método*, Vol.I. Salamanca: Ediciones Sígueme.
- HOLQUIST, M. (1990). *Dialogism: Bakhtin and his World*. London: Routledge.
- LÉVINAS, E. (1993). *El tiempo y el otro*. Barcelona: Paidós.
- MARKOVÁ, I. (2003). *Dialogicality and social representations: The dynamics of mind*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- MARSICO, G. (2011). The "non-cutttable" space in between: context, boundaries and their natural fluidity. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 45, 185–193.
- SIMÃO, L. M. (2003). Beside rupture - disquiet; beyond the other - alterity. *Culture & Psychology*, 9, 449–459.
- SIMÃO, L. M. (2015). The temporality of tradition - Some horizons for semiotic-cultural constructivism in psychology. In L. M. Simão, D. Guimarães, & J. Valsiner (Eds.), *Temporality: Culture in the flow of human experience*. Charlotte: Information Age Publishing, 457–477.
- SIMÃO, L.M. (2016). Culture as a moving symbolic border. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 50, 14–28.
- SIMÃO, L. M. (2020). Disquieting experience and conversation. *Theory & Psychology*, 30(6) 864–877.
- VALSINER, J. (1998). *The guided mind: a sociogenetic approach to personality*. Cambridge: Harvard University Press.